

Originalmente publicado em: SILVA, Sara Reis da (2003): «Os Contos para a Infância de José Jorge Letria: vozes (entre) cruzadas» in AZEVEDO, F. F. de (coord.): *Actas do Encontro Internacional A Criança, a Língua e o Texto Literário: da Investigação às Práticas*, (3 e 4 de Outubro de 2003), Braga: DCILM / IEC /UM.

Os contos para a infância de José Jorge Letria: vozes (entre)cruzadas

Sara Reis da Silva

RESUMO

Porque um texto «é sempre, sob modalidades várias, um *intercâmbio discursivo*, uma tessitura polifónica na qual confluem, se entrecruzam, se metamorfoseiam, se corroboram ou se contestam outros textos, outras vozes e outras consciências»¹, na presente comunicação, procuraremos dar conta das relações intertextuais que a produção literária de José Jorge Letria perspectiva, cruzando temáticas, figuras, estruturas textuais, valores, universos recriados e elementos simbólicos, entre outros. Reflectiremos simultaneamente acerca da produtividade desses diálogos mais ou menos sussurrantes que, com notória evidência, se estabelecem entre os textos escritos para a infância pelo autor de *António e o Príncipezinho* e outros textos literários ou, nalguns casos, não literários, lançando pistas para um percurso feito de intersecções / conexões multímodas entre a literatura, a ideologia, a História ou, até, o texto fílmico, por exemplo. Do vasto *corpus* textual de José Jorge Letria que possui como destinatário explícito um público infantil, dedicaremos particular atenção a três títulos: *António e o Príncipezinho* (1993), *Lendas do Mar* (1998) e *Moushi, o Gato de Anne Frank* (2002).

«Whenever a new text comes into being it relates to previous texts and in its turn becomes the precursor of subsequent texts. What can be said for the production of texts also applies to their reception. No hermeneutic act can consider a single text in isolation. Rather it is an experience with a retrospective as well as a prospective dimension» (Plett, 1991: 17)

Parece inegável a noção de leitura enquanto “compilação” ou activação de textos, representando, portanto, uma actividade construtiva, muito similar à escrita (Scholes, 1991: 26) e traduzindo-se, sob esta perspectiva, num processo de conexão textual, de combinação e de cruzamento de signos. Com efeito, a partir de uma perspectiva alicerçada na valorização do acto receptivo na conformação de sentidos textuais, ler implica inevitavelmente relacionar cada «texto lido aos demais anteriores (texto-vida + textos lidos), para reconhecê-los, significá-los, assimilá-los» (Góes, 1996: 16), na medida em que «Nenhum texto é lido independentemente da experiência que o leitor tem de outros textos» (Eco, 1983: 86), como sublinhou U. Eco.

¹ Aguiar e Silva, Vítor Manuel (1990): *Teoria da Literatura*, Coimbra: Livraria Almedina, p. 625.

É neste sentido que J. Kristeva, no final dos anos setenta, baseando-se na teorização de Bachtin, introduz o conceito de intertextualidade para designar o «fenómeno do dialogismo textual» (Silva, 1990: 625). É neste sentido também que Aguiar e Silva aproxima o texto de «um *intercâmbio discursivo*, uma tessitura polifónica na qual confluem, se entrecruzam, se metamorfoseiam, se corroboram ou se contestam outros textos, outras vozes e outras consciências» (idem, *ibidem*: 625).

Na realidade, na sua condição de objecto estético exposto ao mundo, um texto nunca é uma caixa silenciosa fechada sobre si mesma, totalmente surda às vozes de outros textos. Daí que o encontro com um determinado texto literário acabe por despertar um conjunto de outros textos mais ou menos adormecidos, convocando-os para uma participação / cooperação num diálogo tendencialmente ilimitado no tempo e no espaço.

Ora, é neste quadro teórico que procuraremos abordar três títulos da considerável produção literária de J. J. Letria, visto que a sua leitura² perspectiva o “nascimento” quase instantâneo de relações intertextuais que impelem ao cruzamento de temáticas, de figuras, de estruturas textuais, de valores, de universos recriados e de elementos do quadro simbólico, entre outros.

Assim, na análise que nos propomos apresentar, procurando dar conta de algumas dessas vozes que confluem a partir dos textos para a infância de José Jorge Letria, reflectiremos simultaneamente acerca da índole e da produtividade de alguns³ desses diálogos mais ou menos sussurrantes que se estabelecem entre esses textos e outros, literários ou, em certos casos, até não literários, lançando pistas para um percurso feito de intersecções / conexões multimodas entre a literatura, a ideologia, a História ou, até, o texto filmico, por exemplo.

Do vasto *corpus* textual de José Jorge Letria que possui como destinatário explícito um público infantil, dedicaremos particular atenção a três títulos, *António e o Príncipezinho* (1993), *Lendas do Mar* (1998) e *Moushi, o Gato de Anne Frank* (2002), procurando perscrutar os recursos intertextuais que aí se manifestam de modo mais ou menos explícito.

Em *António e o Príncipezinho*, é o próprio título que abre caminho a essa espécie de reinvenção de uma parcela da biografia do autor de *O Príncipezinho* ou de viagem revitalizadora do conto de Antoine de Saint-Éxupéry, reenviando, desde logo, o leitor para um intertexto específico⁴. No título anunciam-se, à partida e em exclusivo, os protagonistas de uma história que principia onde a outra termina - «Esta história começa onde a sua vida acaba...» (Letria, 1993: 2) – e onde personagens referenciais – como o próprio autor francês Antoine / António – acabam por “contracenar” com uma figura

² Um conhecimento mínimo de alguns títulos de J. J. Letria permite-nos, desde logo, concluir que, em muitos textos, se observa, por exemplo, a textualização recorrente de temáticas como a ecologia ou a protecção do ambiente – *O Grande Continente Azul* (1985), *João Ar-Puro no País do Fumo* (1985) ou *Uma Viagem no Verde* (1987) –, manifestando-se, assim, uma relação intertextual de carácter homoautorial.

³ Julgamos fundamental, no âmbito do percurso de leitura de carácter intertextual que nos propomos apresentar, a noção de que a leitura literária se pauta por uma forte componente experiencial. Como explicita U. Eco, «A competência intertextual (...) representa um caso especial de hipercodificação e estabelece os seus próprios quadros» (Eco, 1983: 86), sendo que estes constituem «esquemas retóricos e narrativos que fazem parte de um reportório seleccionado e restrito de conhecimentos que nem todos os membros de uma dada cultura possuem» (idem, *ibidem*: 88).

⁴ Nathalie Piégay-Gros (1996: 45) classifica como “referência” esta forma de intertextualidade explícita.

recriada literariamente – o Príncipezinho, essa «figurinha, muito elegante e composta» que ostentava «uma estrela em cada ombro» (Letria, 1993: 16) –, num percurso textual cruzado de tipo hetero-autoral.

A evocação do autor francês, a recuperação da personagem Príncipezinho, a referência a um contexto histórico e biográfico particular e, ainda, a uma determinada motivação para a escrita deste conto de José Jorge Letria são suscitadas pela dedicatória⁵ e pela nota introdutória⁶, elementos paratextuais de elevada relevância semântica que antecedem a narração e que, desde o início, deixam clara a ideia de que este é um texto que foi construído sobre um texto anterior.

No conto de J. J. Letria, como no de Saint-Éxupéry, observamos uma interessante configuração isotópica e / ou temático-ideológica bastante similar, consubstanciada em determinados jogos antinómicos: mar / terra (céu)⁷; infância / adultez; presente / passado; mal / bem; guerra / paz; esquecimento / imortalidade, entre outros. Assistimos também, na linha do que ocorre no conto francês, a uma valorização da amizade e das relações humanas em geral.

Mesmo ao nível da configuração simbólica, os dois contos acabam por se “encontrar”, dada a presença de certos elementos comuns. Pensemos, por exemplo, no avião, que representa o «levantar voo» como expressão de uma «aspiração espiritual: a da libertação do ser humano do seu Eu terreno através do acesso purificador às alturas celestiais», situando-se, portanto, no «domínio das ideias, do pensamento, do espírito (Chevalier e Gheerbrant, 1994: 103), ou na estrela, cujo simbolismo corresponde também ao espiritual em confronto com o material (idem, *ibidem*: 308).

A própria componente visual⁸, determinante em ambas as obras, ainda que distinta (por exemplo, quanto à técnica e à complexidade compositivas), evidencia alguns traços próximos⁹, nomeadamente pelo protagonismo concedido ao Príncipezinho, que, nas duas obras, surge retratado de modo semelhante¹⁰.

⁵ J. J. Letria dedica *António e o Príncipezinho* aos amigos da sua idade e de todas as idades, que foram capazes de sonhar com o Príncipezinho e com o seu amigo António, uma “condição” sugerida por um discurso metafórico baseado na temática marítima.

⁶ A nota introdutória que precede a narrativa breve em análise fornece informações de carácter histórico, contextualizando o relato ficcional que se seguirá e/ou situando a acção num tempo e num espaço concretos – «No dia 31 de Julho de 1944 foi abatido por caças alemães o pequeno avião de reconhecimento de Antoine de Saint-Éxupéry, piloto e escritor». Além disso, esclarece ainda não só aquilo que parece ter acordado a imaginação do narrador e ter sido o motivo desencadeador da narração – «Os destroços do avião e o corpo do seu ocupante perderam-se no mar. Nunca mais ninguém teve notícias dele.» –, mas também as personagens que nesta interactivam – «Antoine de Saint-Éxupéry chama-se apenas António e tem por companhia o Príncipezinho, personagem de um dos seus livros mais bonitos e sem idade».

⁷ Enquanto no conto de Saint-Éxupéry o espaço central no qual ocorre o encontro com o Príncipezinho é o céu, no texto de J. J. Letria, embora este constitua o ponto de partida da narrativa, o fundo do mar representa o lugar maravilhoso onde tudo se torna possível.

⁸ O livro de Saint-Éxupéry possui ilustrações do autor. Aliás, esta é uma componente que surge valorizada desde o início. A própria narrativa abre precisamente com a referência a um desenho que o narrador diz ser o seu «desenho número 1» (Saint-Éxupéry: 1987: 79). A obra de J. J. Letria é ilustrada com reproduções de óleos da autoria de Manuela Bacelar.

⁹ J. A. Gomes afirma que «Curioso, também, será observar o diálogo entre as imagens do livro de José Jorge Letria e os ingénios mas inconfundíveis desenhos com que o próprio Saint-Éxupéry ilustrou a sua obra. Se em uma ou outra página existem ecos da pintura de Paula Rego, tal não deve surpreender, já que todo o livro é um exemplo feliz de saturação intertextual. Registe-se, por outro lado, que algumas das ilustrações não deixam de nos trazer à memória os melhores momentos da obra de Manuela Bacelar, evocando *Silka*, o trabalho que lhe valeu, em 1989, uma Maçã de Ouro da Bienal de Ilustração de Bratislava.» (Gomes, 1997: 122)

¹⁰ Vide, por exemplo, os óleos de Manuela Bacelar e o retrato do Príncipezinho presente na pág. 12 (1987) do livro de Saint-Éxupéry.

Relidas as obras de Saint-Éxupéry e de J. J. Letria, somos levados a concluir, com José António Gomes, que «... o texto de Letria apenas adquire plena legibilidade a partir da leitura de *Le Petit Prince*...» (Gomes, 1997: 121).

Também o sentido de *Mouschi, O Gato de Anne Frank*, uma espécie de actualização ou de evocação do *Diário*¹¹ escrito pela adolescente judia, em plena Segunda Grande Guerra Mundial¹², parece adquirir uma maior solidez semântica a partir do cruzamento explícito de carácter heteroautoral dos dois textos sugeridos ou dessas duas escritas pertencentes a dois tempos, a dois espaços, a duas sensibilidades aparentemente tão diversas.

Afastando-se dos padrões típicos do conto, *Mouschi, O Gato de Anne Frank* evidencia um discurso pleno de novidade semântica (porque colocado na voz do animal de estimação da menina judia, um gato a quem é conferida uma dimensão psicológica¹³), sendo feito de contornos intimistas / confessionalistas, muito próximos da prosa diarística e, portanto, do livro deixado por Anne Frank.

Com efeito, em ambos, a enunciação discursiva surge pautada por uma natural centralidade do eu, embora essa tendência egocêntrica seja, no fundo, um tanto superada pelo olhar atento que ambos os sujeitos de enunciação parecem dedicar ao mundo em que se inserem e às figuras humanas que nele co-habitam: na escrita de Anne Frank, são frequentes as referências, por exemplo, às discussões dos restantes habitantes do anexo¹⁴ e, no relato de *Mouschi*, a figura predominante em todo o registo é, sem dúvida, a adolescente judia. Em certa medida, os dois textos diferenciam-se ao nível do sujeito de enunciação, já que, no *Diário de Anne Frank*, este assume uma posição autodiegética, ao passo que, em *Mouschi, O Gato de Anne Frank*, a perspectiva é homodiegética, um pouco em oposição àquilo que o título poderia indiciar pelo facto de salientar a figura do gato e não da menina.

Outro aspecto importante reside no facto de ambos os registos evidenciarem um tom dialógico, a tocar, com frequência, o coloquial. Veja-se, por exemplo, logo nas páginas iniciais do texto de J. J. Letria, os excertos «Suponho que os meus leitores sabem como são os gatos.» (Letria, 2002: 4) ou «Se lerem com atenção o diário que Anne Frank escreveu, hão-de reparar que ela, a certa altura, fala de mim.» (idem, *ibidem*: 5). Na conclusão do relato do gato *Mouschi*, surge a expressão «Não me perguntem como foi que escrevi tudo aquilo que acabei de vos contar neste livro...» (idem, *ibidem*: 36)

Tendo um mesmo cenário histórico-social, bem como um conjunto de personagens e um espaço físico comuns¹⁵, dos dois textos transparece, também, uma forte carga emotiva e / ou dramática, testemunhada através da expressão de um riquíssimo espaço psicológico

¹¹ Nos registos diarísticos de Anne Frank, encontramos cerca de uma dezena de referências ao gato *Mouschi*.

¹² A temática base de *Mouschi, O Gato de Anne Frank* encontra-se também versada por José Jorge Letria em *Campos de Lágrimas* (2000), uma narrativa breve juvenil acerca dos horrores do holocausto Nazi, que possui como cenário um campo de concentração de Buchenwald, na Alemanha.

¹³ *Mouschi*, responsável pela narração, afirma-se, já no final do seu relato, como «...personagem deste livrinho de memórias...» (Letria, 2002: 36)

¹⁴ Vide, por exemplo, Frank, 2002: 312-313.

¹⁵ Os dois relatos decorrem entre 1942 e 1944 (no caso do texto de José Jorge Letria, o tempo da escrita situa-se alguns anos após 1945), tendo como espaço físico o esconderijo no edifício do escritório de Otto Frank.

no qual se guardam o amor, o medo, a saudade, a tristeza, os dilemas e, ainda, a angústia perante a injustiça e a ameaça da morte¹⁶.

Relevante é, ainda, o facto de tanto *António e o Príncipezinho* como o último texto sobre o qual nos detivemos – *Moushi, O Gato de Anne Frank* –, sendo feitos de um original cruzamento entre o ficcional e o real histórico (ainda que o enraizamento empírico seja muito mais forte no segundo texto), possuírem como cenário a II Grande Guerra Mundial. Daqui se depreende o propósito autoral de homenagear dois seres humanos vitimizados pelas circunstâncias históricas sugeridas, numa espécie de imortalização, de negação da morte ou de tentativa de superação do esquecimento.

Os dois textos possuem, segundo a designação de M. Riffaterre, subtextos, hipotextos ou textos-fantasma (Riffaterre *apud* Silva, 1990: 626 e 627) bastante concretos, explícitos e relativamente fáceis de descobrir. Parece-nos, portanto, legítimo afirmar que o fenómeno da intertextualidade, no caso concreto destas duas obras, aqui com uma função corroboradora (Silva, 1990: 633), confirma não só um código literário, mas também um código cultural e / ou ético muito particulares, num processo de co-presença textual que pode ser denominado, recorrendo à terminologia de G. Genette, de hipertextualidade¹⁷.

Na terceira obra seleccionada, *Lendas do Mar*, os recursos intertextuais aí perscrutáveis são mais subtis do que nos textos que temos vindo a analisar. Nesta colectânea, publicada, pela primeira vez, em 1998, «numa espécie de boleia da EXPO e da celebração dos Oceanos» (Gomes, 1999: 6), encontramos sete narrativas breves, que constituem um verdadeiro macrotexto, um carácter que o título sugere e que acabamos por ver confirmado pelo seu fundo temático, pela valorização do cenário aquático / marítimo e, até mesmo, pela presença reiterada de certas personagens.

Nestas histórias, “ouvem-se” ecos de tempos e de escritas bastante diversos, um conjunto de vozes que formam uma vasta rede intertextual e que vão desde a mitologia clássica (aludida¹⁸, por exemplo, através da personagem Grande Deus das Águas, uma figura próxima de Neptuno) e à literatura tradicional, até aos cenários e às figuras recriadas noutros textos de temática marítima / aquática (como a sereia).

Se, na generalidade das narrativas breves de *Lendas do Mar*, é possível observar a transfiguração de anteriores texturas literárias, o caso mais evidente parece encontrar-se em «O dia da sereia», texto que denuncia um vínculo intertextual muito forte não só com o conto *A Sereiazinha* de Hans Christian Andersen, mas também com *A Menina do Mar*, de Sophia de M. Breyner Andresen.

A opção temática assumida nos três textos é, desde logo, denunciada através dos seus títulos, pelo facto de nestes surgirem destacadas três figuras femininas pertencentes ao mar. Além disso, esta proximidade torna-se também visível no protagonismo concedido a

¹⁶ Em certas passagens quer do *Diário de Anne Frank*, quer do texto de J. J. Letria, há, todavia, espaço para uma ou outra nota humorística. Vide, por exemplo, Frank, 2002: 42 e Letria: 2002:3.

¹⁷ G. Genette propõe o termo “transtextualidade”, afirmando que este é mais abrangente do que “intertextualidade”. Distingue, ainda, cinco subtipos deste fenómeno: intertextualidade; paratextualidade; metatextualidade; architextualidade; e hipertextualidade. A último subtipo designa «toute relation unissant un text B (que j’ appellerai hypertexte) à texte antérieur A (que j’ appellerai, bien sûr, hypotexte) sur lequel il se greffe d’ une manière que n’ est pas celle du commentaire» (Genette, 1982: 11).

¹⁸ Nathalie Piègay-Gros, centrando-se nas relações intertextuais de co-presença, refere-se à alusão, afirmando que esta supera, em larga medida, o domínio da intertextualidade, porque, da mesma forma que é possível citar escritos não literários, também se pode sugerir elementos de carácter histórico ou mitológico (Piègay-Gros, 1996: 53).

dois seres, um maravilhoso e outro humano, pertencentes a espaços matriciais antinómicos (a terra e o mar), bem como no facto de, em todos os contos, o enamoramento e a amizade representarem o *leit-motiv* da diegese.

Na base do desenvolvimento actancial das três narrativas, verifica-se um encontro entre os dois seres mencionados (em *A Sereiazinha*, entre a sereiazinha e o príncipe; em *A Menina do Mar*, entre a menina do mar e o rapaz; em «O Dia da Sereia», entre a sereia e o pescador), que ocorre, em todos os casos, sob um cenário de intempérie.

Mas, quer ao nível da construção diegética, quer no que concerne ao destino das três figuras femininas a que temos vindo a aludir, existe uma ligação muito mais forte entre o texto de Sophia e o de José Jorge Letria, afastando-se ambos, de algum modo, do do dinamarquês H. Christian Andersen. A verdade é que, ao passo que, em *A Menina do Mar* e em «O Dia da Sereia», os momentos da acção (encontro – afastamento – união final) e, em particular, o seu desenlace feliz, são coincidentes, em *A Sereiazinha*, a protagonista, dominada pelo desejo de pertencer à terra, vê-se em face de um destino funesto e solitário.

Neste âmbito, torna-se também inevitável não encetar um conjunto de percursos dialógicos ou um reencontro com outros textos nos quais o mar representa uma espécie de ideia-matriz, um caminho intertextual que remonta ao património literário de tradição oral – contos, lendas, adivinhas, provérbios e expressões idiomáticas, entre outros¹⁹ - e a outros textos da literatura contemporânea para a infância, como, por exemplo, as obras: *Ulisses* de Maria Alberta Menéres (uma aventura protagonizada por um herói mítico dominado pela magia do desconhecido e do mar), *O Ratinho Marinheiro*, de Luísa Ducla Soares (uma narrativa em verso, cujo protagonista também sonhava poder navegar) ou *História do Fundo do Mar*, de Mário Castrim (um conto cujo espaço central é, como o título indicia, o mar, um local que representa o local de destino de uma viagem maravilhosa).

O texto «O Reino das Sete Ondas», por exemplo, encerra com uma nota muito similar ao relato histórico - «O seu imenso território ficou conhecido nos livros dos cronistas pelo nome de reino das Sete Ondas» (Letria, 2000: 29) -, fazendo recuar a um tempo e a um património literário povoado de navegadores destemidos, piratas e batalhas navais ou a um conjunto de textos designados como Literatura de Viagens (por exemplo, a *História Trágico-Marítima*, *A Peregrinação*, *A Odisseia* ou *Os Lusíadas*).

Observa-se simultaneamente, em várias lendas, a tematização da guerra ou de conflitos, como em «Grão a Grão se trava o mar» ou, de um modo menos explícito, «O Reino das Sete Ondas»²⁰, uma tendência temática que pode, de certo modo, aproximar estas narrativas breves das obras *António e o Príncipezinho* e *Mouschi, O Gato de Anne Frank*.

Na globalidade, podemos dizer que, em nenhum dos textos de José Jorge Letria analisados, se constata, do ponto de vista intertextual, uma intencionalidade parodística, lúdica ou irónica. Em concreto, e pensando, por exemplo, em *António e o Príncipezinho* e em *Mouschi, O Gato de Anne Frank*, o desejo subjacente a ambas parece antes ser uma homenagem às figuras humanas reais ou ficcionalizadas que nessas obras surgem,

¹⁹ A este propósito vide Soares, Maria Isabel de Mendonça (1998): *O Mar na Cultura Popular Portuguesa*, Lisboa: Terramar.

²⁰ «Era uma vez um grande reino cujo poderio for a conquistado ao mar, em viagens e intermináveis batalhas. (...) Com o tempo, foram desaparecendo os seus inimigos e adversários (...)» (Letria, 2000: 25).

a par de uma sensível negação do esquecimento das circunstâncias vivenciadas por estas. No fundamental também, e ainda que, nas duas obras que acabámos de mencionar, os reflexos dos “textos-mãe” sejam muito visíveis (é aqui notória uma relação de co-presença), julgamos poder classificar genericamente como médio o grau de intertextualidade²¹ que se detecta nos textos de J. J. Letria por nós seleccionados.

Muito em síntese, consideramos que o percurso de leitura que aqui partilhámos, baseado num pressuposto intertextual tendencialmente endoliterário, representa um caminho de recepção da escrita de José Jorge Letria algo restrito, ainda que potencialmente fértil e enriquecedor do conhecimento do mundo e da “competência enciclopédica” de um leitor infantil, destinatário explícito dos textos aqui abordados. Com efeito, como afirmámos logo no início, quando ouvimos a voz dialogante de um texto, parece ser inevitável não ouvirmos outras vozes nascidas noutros tempos, noutros espaços, enfim, noutras escritas ou noutras leituras. É nesta óptica que defendemos que uma leitura de âmbito intertextual de *António e o Príncipezinho*, *Mouschi*, *O Gato de Anne Frank* e *Lendas do Mar*, obras marcadas por uma interessante componente inovadora, poderá, assim, contribuir não só para o alargamento da compreensão do mundo e da capacidade de aceitação do diálogo com outras culturas, mas também para um fortalecimento de um conjunto de outras competências que só a descoberta e o contacto precoce com o texto literário poderão proporcionar.

Referências Bibliográficas

Bibliografia Activa

- ▶ ANDERSEN, Hans Christian (s/d) «A Sereiazinha» in *Contos Imortais*, Mem Martins: Europa-América (2ª edição).
- ▶ ANDRESEN, Sophia de M. Breyner (1998) *A Menina do Mar*, Porto: Figueirinhas (37ª ed.).
- ▶ CASTRIM, Mário (1998) *História do Fundo do Mar*, Porto: Campo das Letras.
- ▶ FRANK, Anne (2002) *Diário de Anne Frank*, Lisboa: Livros do Brasil.
- ▶ LETRIA, José Jorge (1993) *António e o Príncipezinho*, Porto: Desabrochar.
- ▶ LETRIA, José Jorge (2000) *Lendas do Mar*, Lisboa: Terramar (2ª ed.) (ilustrações: André Letria).
- ▶ LETRIA, José Jorge (2000) *Campos de Lágrimas*, Porto: Âmbar.
- ▶ LETRIA, José Jorge (2002) *Mouschi, O Gato de Anne Frank*, Porto: Asa (ilustrações: Danuta Wojciechowska).
- ▶ MENÉRES, Maria Alberta (1999) *Ulisses*, Porto: Edições Asa (24ª ed.).
- ▶ SOARES, Luísa Ducla (2001) *O Ratinho Marinheiro*, Lisboa: Livros Horizonte (reed.).

²¹ C. Reis (1981: 133), detendo-se na problemática da transformação intertextual, distingue três graus de intertextualidade: mínimo (certas características formais), médio («alusões próximas, reflexos discretos de uns textos noutros») e máximo («aquelas práticas que apenas de modo limitado alteram outras práticas textuais», como o pastiche).

- ▶ SOARES, Maria Isabel de Mendonça (1998) *O Mar na Cultura Popular Portuguesa*, Lisboa: Terramar.
- ▶ SAINT-ÉXUPERY, Antoine (1987) *O Príncipezinho*, Lisboa: Editora Caravela (11ª ed.).

Bibliografia Passiva

- ▶ ALLEN, Graham (2000) *Intertextuality*, London and New York: Routledge.
- ▶ CERVERA, Juan Borrás (1997) «Intertextualidade y Literatura Infantil» in *La Créacion Literária para Niños*, Bilbao: Ediciones Mensajero, pp. 47-62.
- ▶ CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain (1994) *Dicionário dos Símbolos*, Lisboa: Editorial Teorema.
- ▶ DALLENBACH, Lucien (1979) «Intertexto e autotexto» in *Intertextualidades* («Poétique» Revista de teoria e análise literárias, Nº 27), Coimbra: Livraria Almedina, pp. 51-76.
- ▶ DEDET, André (2000) «Antoine de Saint-Éxupery. L'éthique et l'esthétique» in *Revista da Universidade de Aveiro – Letras*, Nº 17, Universidade de Aveiro, pp. 289-319.
- ▶ ECO, Umberto (1983) *Leitura do Texto Literário. Lector in Fabula*, Lisboa: Editorial Presença.
- ▶ GENETTE, Gérard (1982) *Palimpsestes*, Paris: Éditions du Seuil.
- ▶ GOÉS, Lúcia (1996) *Olhar de descoberta*, São Paulo: Mercuryo.
- ▶ GOMES, José António (1999) «Literatura para Crianças e Jovens» (Balanço Literário de 1998) in *Vértice* 96, Julho-Agosto de 2000, pp. 93-99.
- ▶ GOMES, José António (1997) «Saint-Éxupery: uma descoberta permanente (pela mão de Ruy Belo e de José Jorge Letria)» in *Livro de Pequenas Viagens*, Matosinhos: Contemporânea, pp. 119-122.
- ▶ JENNY, Laurent (1979) «A Estratégia da Forma» in *Intertextualidades* («Poétique» Revista de teoria e análise literárias, Nº 27), Coimbra: Livraria Almedina, pp. 5-49.
- ▶ PERRONE-MOISÉS, Leyla (1979) «A intertextualidade crítica» in *Intertextualidades* («Poétique» Revista de teoria e análise literárias, Nº 27), Coimbra: Livraria Almedina, pp. 209-230.
- ▶ PIÉGAY-GROS, Nathalie (1996) *Introduction à l' Intertextualité*, Paris: Dunod.
- ▶ PLETT, Heinrich F. (1991) «Intertextualities» in *Intertextuality (Research in Text Theory)*, Berlim / NY: ed. Heinrich F. Plett.
- ▶ REIS, Carlos (1981) «Intertextualidade» in *Técnicas de Análise Textual*, Coimbra: Almedina, pp. 124-134.
- ▶ REIS, Carlos (1982) «Intertextualidade e Leitura Crítica» in *Construção da Leitura*, Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra, pp. 31-40.
- ▶ SCHOLÉS, Robert (1991) *Protocolos de Leitura*, Lisboa: Edições 70.
- ▶ SILVA, Vítor A. e (1990) *Teoria da Literatura*, Coimbra: Livraria Almedina.